

Laxmanrao Sardessai. “O Barco de África”. *O Herald*. 30/04/1964, p.3.

Era hora crepuscular. Eu estava à janela da nossa cela, olhando absorto para o panorama do mar, salpicado de tintas variegadas. Era o meu melhor alívio da prisão.

“Barco! Barco!” gritou-me de repente o cabo negro que estava na varanda. A sua voz indicava a íntima alegria da sua alma despertada por aquela visão longínqua do navio que, longe, muito longe, no horizonte aquático avançava lentamente, sacudindo o seu espírito ingénuo de selvagem. Aquela silhueta negra, desperta nele memórias tão gratas e tão penosas a um tempo, da vida africana. Os seus pais velhos que o esperavam ansiosos, as suas amigas que lhe tinham proporcionado doces momentos de felicidade, vastos lagos de águas límpidas onde os crocodilos se moviam livremente, cabanas de bambu e tantas outras coisas.

Depois, voltando-se para mim, e apontando com o dedo para a mancha movediça do navio perguntou:

“O Senhor não vê ali o barco da África?”

“Sim, vejo um barco.”

“Pois é de África. Devia chegar hoje.”

Via agora as suas feições contrariadas. O seu olhar nublado duma angústia vaga.

“Sim, é o barco que vem levar-nos.”

“Então, vais deixar-nos, Francisco?” exclamei eu afectuosamente.

“Não, senhor. Vai terminar na próxima semana, o nosso contrato, mas eu não vou”

“E porquê não vais tu, Francisco? Faz quatro anos que estás aqui. Não tens saudades da tua terra?” perguntei-lhe.

“Se tenho. Mas tenho aqui a minha mulher.”

“É verdade. Tens mulher...”

“Sim, mulher, e não dessas que abundam fora desta praça.”

“Sim, sei eu, já me disseste uma vez.”

“Amo-a muito, senhor. Já lhe contei a sua história”

“Então porque a não levas contigo para África?”

A essa pergunta Francisco ficou confuso. Os vagalhões do mar vinham bater-se estrondosamente contra o muro do pátio, cobrindo-o de espuma branca. Aquela claridade amarelenta a superfície ondulante do mar parecia colorida de tintas infinitas. Doutro lado da foz, uma ponta de terra cinzenta arremessava-se no mar. Francisco hesitou por momentos. Depois

aproximando a sua face da grade da janela murmurou baixinho:

“Senhor, em breve vou ser pai.”

“Nunca me falaste em tal.”

“Queria fazer-lhe uma surpresa, apresentando-lhe o meu filho.”

“Agora compreendo. É por isso que não queres partir?”

“Sim. Como posso eu deixar aqui a minha querida Joana, quando daqui a poucos dias ela vai ser mãe do meu filho?”

“Fazes bem. Fala ao Comandante e o teu pedido será deferido.”

“Espero que será.”

“E nunca mais irás para a África?”

“Como posso deixar de ir, quando os meus pais me esperam e querem abraçar a minha mulher?”

“E gostarão duma rapariga indiana?”

“Se eu gosto dela, porque não hão de gostar eles? Se ela tem pequeninos olhos pretos, cabelo anelado e longo, membros fortes e rijos como as nossas mulheres?”

Nisto, soou o clarim. Era a hora do rancho. Os negros acorrendo formaram dentro de momentos fileiras com os pratos nas mãos.

Francisco estava absorto nos seus pensamentos, fitando a massa negra do navio que indistintamente oscilava na direcção do porto de Mormugão.

Quando há dois anos entrara no forte de Aguada como preso político, Francisco era homem diferente. Era rude e brutal, maltratava os presos, insultando-os a cada passo. Um dia, até viera atacar um dos nossos companheiros com a sua baioneta. Tinha conflitos com os seus colegas. Havia frequentes lutas. Todos o temiam.

Mas passaram alguns meses, e a pouco a pouco ia operando-se nele uma mudança lenta. Em vez de jogar às cartas, dar-se à embriaguez ou entreter-se em escaramuças, nas horas vagas, sentado à borda do pátio lançava o anzol apanhando peixe que levava para não se sabia para onde. Agora não atirava para o mar o arroz que lhe sobejava. Acamaradava-se com os presos. Falava-lhes manso, procurando conhecer as suas dificuldades. Conversava e ria, participando nos seus momentos de alegria, quando os pais ou parentes vinham visitá-los aos domingos. Dissipava-se nele, rapidamente o que havia de grosseiro. Acordava o homem, dominando o animal que nos costumávamos a ver e temer. Por muito tempo eu não podia decifrar este mistério. Que teria transformado este bruto, que dantes maltratava os outros? Que milagre teria suavizado a sua índole de fera africana?

Contava às vezes histórias interessantes do seu país, as suas aventuras da

juventude. Aprendia a ler e escrever. Trazia-nos peixe e hortalica. Dava-nos mais facilidades, quando nos faziam sair da cela de manhã e ao meio-dia.

Um dia confiou-me o seu segredo. Disse-me: “Vou Casar.”

Era uma surpresa para mim. Um negro, casar-se com uma rapariga indiana?

Vendo a minha estupefacção, perguntou-me melindrado: “Então eu não devo casar?”

“Porque não? Mas diz-me primeiro com quem vais casar?”

“Mas que rapariga? Dessas que lá fora da praça, estendem os seus arraiais? Tens de andar com precaução, Francisco.”

“Faz oito meses, que conheci esta rapariga, e fiquei por ela apaixonado.”

Contou-me então, detalhadamente, a história do seu amor.

O mistério da sua transformação já estava desvendado.

Tornou-se em poucos dias o meu maior amigo. Dava-me peixe e eu, dava-lhe cigarros e doces, que me mandavam da casa, dinheiro e não sei que mais. Mas mais do que tudo ele dava-me a sua afeição profunda, e disinteressada.

Decorreram mais alguns meses e fez-me uma surpresa, revelando que ia em breve ser pai. Podia ficar na Índia mais seis meses. O seu pedido estava deferido. Depois partiria para África com a sua mulher e o filho. Desde a minha entrada nesta praça dois longos anos tinham decorrido e eu ainda continuava preso, sem ser julgado. Nem sabia qual era a minha culpa. Sabia apenas que o meu crime era ter participado no movimento nacionalista que estava então na fase intensa. Para nós, os presos, não havia outra diversão, senão a leitura dalguns romances que a censura deixasse passar. Não podíamos sair do recinto da cela senão duas vezes por dia. Naquela monotonia pesada, o meu maior alívio era desfrutar, através da janela, o espectáculo do mar. Os palmares da outra margem e os barcos à vela que entravam no rio. Não havia rosto feminino a comunicar àquele ambiente grosseiro, pouco de doçura. Víamos só soldados negros, alguns com feridas fétidas nas pernas, descontentes com o seu serviço forçado, quase sempre embriagados, ou entretidos em conflitos.

E eu, afastado por longo tempo dos meus, da minha casa, dos meus palmares, sentia-me, às vezes só e triste e um vago desejo de deixar aquela fortaleza, invadia o meu espírito. E algumas vezes esse desejo tornava-se tão intenso, que alguma coisa me impelia à aventura que eu só conhecia nos livros: fugir, penetrar os montes e florestas.

Mas essa ânsia era tão fugaz, que desapareceria ao primeiro raio da razão.

Uma noite, quando ia deitar-me apareceu o cabo Francisco e disse-me visivelmente perturbado: “Na próxima semana vou embarcar com minha mulher e filho. Já chegou o pacote.”

Fiquei sensibilizado. Fi-lo sentar na cama, perto de mim. Eu sentia que entre nós se estabelecia a mesma corrente de humanidade. Um africano e um indiano, ambos tão diferentes, em cor, raça e cultura, mas agora, intimamente unidos pelos laços universais de amor....

Francisco exclamou entusiasmado “Peço-lhe que venha agora ver o meu filho.”

O seu pedido causou-me surpresa.

“Francisco, eu sou um preso. Como posso sair daqui?”

“Amigo, os presos desta cela estão a meu cuidado. Sei que o senhor não há de fugir.”

“Mas se fugir?”

“A responsabilidade será minha”, respondeu

Eu tremia de alma e corpo. Era uma aventura, com certeza – mas uma aventura agradável, pois que poderia andar pela areia da praia, sob as palmeiras ao luar, e respirar por momentos embora, o ar livre, devorar como um faminto, aquela paisagem da minha terra, da qual, já havia dois anos, estava separado. Como a nossa cela ficava no extremo trazeiro da fortaleza, dentro de momentos estávamos fora da muralha. Tivemos de subir uma colina para chegarmos à residência de Francisco, uma cabana de palha e bambu. Vi Joana e seu filho. Francisco tinha razão para se orgulhar da sua querida esposa. Trigueira, de feições atraentes, rija e inteligente, tinha qualidades para tornar feliz o seu lar.

À curta distância de cinco minutos estendia-se a praia sinuosa inundada de luar, e ladeada pelos vastos palmares da freguesia de Candolim.

Ao sair, Francisco disse-me: “o senhor vai até a praia. Gosta dela... Vá, que dentro em pouco eu lá estarei. Espere-me no local onde vê aquelas colunas.”

Jubilante, desci a colina aos pulos e cheguei à praia. Enfim, estava só e livre! Sem vigia, nem sentinela. Poderia bem internar-me no arvoredo e desaparecer! A aventura estava já a seduzir-me. Cheguei mesmo a dar alguns passos na direcção da aldeia. Mas, então, olhei para a cabana de Francisco, onde trepidava a luz do candieiro e na minha mente pintou-se um terrível quadro. Francisco, sua jovem mulher e filhinho imersos na sua felicidade, ansiosos pelo seu regresso à África e pensando em embarcar, já no paquete que acabava de chegar... A minha fuga destruiria, em poucos momentos a felicidade daquele lar.

Eu não tinha o direito de trair a afeição de meu amigo, o ingénuo Francisco.

Recuei. Marchava agora na direcção das duas colunas, onde dentro em pouco Francisco me devia conduzir para a cela de Aguada.

